

Paulo Eduardo Arantes

*Temos de gerar alternativa, senão é cair no abismo**

O filósofo Paulo Arantes não é debochado, mas seu livro Dicionário de Bolso do Almanaque Philosophico Zero à Esquerda “fotografa a estupidez” presente na vida intelectual brasileira, como costuma dizer. O pequeno livro traz uma coletânea de frases e expressões ditas por políticos e intelectuais.

“É uma sátira” resume o autor, que é também o organizador da coleção Zero à Esquerda. Com bom humor, desnuda a “inteligência nacional” e, com bastante naturalidade, ele admite o fracasso da esquerda. “Temos de reconhecer. Fomos derrotados e uma derrota histórica e mundial” Paulo Arantes e os intelectuais arregimentados por ele têm em comum o fato de estarem buscando um novo pensamento de esquerda, marxista ou não. Quanto ao capitalismo, ele e o grupo são radicais na crítica. E é isso que Paulo Arantes chama de fato novo. Grande parte dos intelectuais de esquerda não vêem mais o capitalismo como uma etapa necessária para o desenvolvimento social. “É um sistema demencial”, diz.

Às vezes parece catastrofista. É quando prevê a barbárie, se um movimento inteiramente novo surgir em contraposição à lógica do livre mercado. “Já estamos caminhando para isso”, afirma. E esse caminho, segundo ele, é reforçado pela ilusão do desenvolvimento, a falsa idéia de que todos os países podem fazer parte do núcleo hegemônico. Para uma conversa sobre os erros e acertos da esquerda e da direita, capitalismo e socialismo, democracia (“é um teatro”) e o que vem por aí, Paulo Arantes recebeu O POPULAR em seu apartamento, em São Paulo.

* Entrevista realizada por Maria José Braga, publicada em *O Popular*, Goiânia, 15 de março de 1998.

Por que organizar uma coleção como a “Zero à Esquerda”?

Temos uma conjuntura, uma situação nacional e mundial na qual você não tem mais, digamos, um interlocutor social privilegiado. Não sou obreirista, não sou militante no sentido estrito. Em princípio, você está empenhado no diagnóstico da crise contemporânea, tanto nacional quanto mundial, sem ter um destinatário social visível. Então as pessoas não entendem. Achem que é um radicalismo vazio, é uma espécie de negativismo, é opor por se opor, porque você não está propondo nada, você não está militando em nenhuma organização, não é membro de nenhum partido, você não está no poder, não ambiciona cargos em qualquer tipo de instituição, seja universidade, seja qualquer outra coisa. Você não tem nada, nada, nada. Então parece um franco-atirador. Um franco-atirador que ao mesmo tempo faz oposição em nome de quê?

Alguns pensadores dizem que é esse mesmo o papel do intelectual?

É isso. Mas digamos, você está pensando e dando uma nova dimensão ao pensamento, que ele não tinha antes. Uma dimensão pública. Eu poderia muito bem ficar no meu canto, estudando para dar boas aulas, escrever bons artigos, bons livros, estar publicando coisas em revistas especializadas sobre assuntos culturais, filosóficos, mais ou menos técnicos, e pronto, acabou. Tudo para um público interno. Nesse momento, do ponto de vista da esquerda, ou socialista, parece que não haveria perspectiva histórica definida. Todo mundo na esquerda se recolhe, se fecha em copas lambendo as feridas, porque se trata de uma derrota histórica, de um naufrágio mundial. Todo mundo se fecha como uma concha, nostalgicamente se lembra do que poderia ter sido e não aconteceu e tenta se adaptar. Ou seja, entra numa espécie de período de hibernação, esperando tempos melhores para voltar à cena. Nesse momento de falta de perspectiva aparecem, gratuitamente, pessoas sem nenhum engajamento político específico. Elas saem da toca e têm, de certa maneira, um empenho, uma espécie de manifestação pública, de pensar em voz alta. E começam a arregimentar pessoas em torno de uma coleção, de uma revista como a *Praga*. Isso confunde a cabeça das pessoas. Nesse momento de refluxo e, portanto, de malogro histórico monumental, você diz: agora é hora.

A hora é a de fazer uma reavaliação crítica do marxismo?

E fazer uma reavaliação crítica do marxismo não significa jogá-lo fora. É ver o que envelheceu e o que não envelheceu. Colocá-lo em perspectiva histórica. Não significa simplesmente dizer “estava errado” ou “estávamos errados” Não é isso. Se o marxismo é um pensamento histórico, pertinente, que representa um processo social, seria tolice ou seria contrariar o espírito dessa doutrina você fazer um raciocínio a respeito de movimentos sociais importantes, movimentos intelectuais importantes – como é o caso do marxismo – na base do está certo ou está errado, foi ruim ou bom. Você tem de dizer: o ciclo histórico se cumpriu, cumpriu seu papel. E tem de ver qual é o próximo passo. Portanto, não significa revê-lo, reformá-lo, ajustá-lo. Tem de se fazer o diagnóstico do que está acontecendo na época moderna.

Os pensadores de esquerda, os filósofos, perderam a capacidade de se anteciparem aos fatos? Vamos dizer assim, os intelectuais de esquerda deveriam ter previsto essa crise do pensamento?

Se alguém se antecipasse não seria ouvido. Falar em crise do marxismo se fala a três por dois desde que o marxismo existe. O capitalismo é uma crise permanente; ele é um processo contraditório e, portanto, por definição, ele está sempre em crise. Mas há periodizações em que a crise acentua-se, agrava-se, alastra-se e assim por diante. Mas veja só: do ponto de vista marxista, poucos estavam dizendo que o mundo caminhava na direção errada, ou então que não tinha viabilidade.

Dá para explicar?

Depois da Segunda Guerra Mundial aconteceram, sob a hegemonia americana, três fatos históricos. E, do ponto de vista da esquerda, ninguém se opunha a isso, salvo uma exceção, mesmo assim em termos muito relativos. Primeira coisa: depois da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética consolida-se como uma das vencedoras da guerra. Em condomínio com os Estados Unidos, há uma repartição do mundo. Isso todo mundo conhece: a chamada Guerra Fria. Foi uma guerra mesmo, só que fria, tanto é que os Estados Unidos ganharam e a União Soviética desmoronou. Então você tinha uma economia de comando, planificada, estatizada, que tinha começado por uma relativa igualdade social, e assim por diante. Havia tido uma espécie de proletarização da sociedade. Você

tinha uma sociedade industrial caminhando aceleradamente rumo à industrialização completa, com uma espécie de repartição do produto menos desigualitária que no ocidente, mas que, num certo momento, se tornou um regime opressivo – ditadura, burocracia, tudo o que sabemos. Só que havia uma espécie de crédito de confiança dado pela esquerda no que diz respeito às bases socialistas desse modelo. Isto é, aquilo tinha que ver com o socialismo.

E os outros dois acontecimentos?

O segundo é a construção do bem-estar social na Europa, favorecido em parte pelo Plano Marshall de reconstrução da economia européia. Ela não poderia ficar no chão. Seria um prato para a direita, novos fascismos. Ou então entregar à revolução soviética de uma vez. Portanto, se os Estados Unidos não reconstruísem rapidamente a potência econômica da Europa, a Guerra Fria iria estender suas fronteiras até o Atlântico. Disso não há a menor dúvida. Foi preventivo o negócio. Isso significou que se fez concessões brutais. E essas concessões foram arrancadas à força de trabalho européia. E se chegou a um compromisso social chamado social-democracia, que podia ser gerido tanto por liberais quanto por socialistas. Isso significou, de fato, industrialização, modernização da Europa, bem-estar social, contínua elevação dos salários; acompanhando a industrialização, proteção social. A esquerda não se opôs a isso.

E o terceiro acontecimento?

Bom, terceira dimensão, periferia do capitalismo que começou a se desenvolver, isto é, a se industrializar, também favorecida pela hegemonia americana, que recomendava uma política de descolonização gradual da Ásia, da África, e de industrialização e desenvolvimento da América Latina. Veja só, depois da Segunda Guerra Mundial, os grandes programas socialistas, os mais radicais – a economia de comando soviética –, os mais gradualistas – como a social-democracia européia, o *welfare state* europeu e também americano, e o desenvolvimento/industrialização da periferia estavam se realizando. Quem era de esquerda, fosse comunista ou não, socialista e assim por diante, poderia remeter para um futuro mais longínquo a questão do socialismo, uma espécie de norte moral, ideal de justiça.

Guardadas as proporções, essa falta de crítica ao pensamento hegemônico está se repetindo agora, ou seja, poucos têm coragem de se opor ao neoliberalismo, à globalização?

Isso pegou todo mundo desprevenido, de calças curtas. Nesses 30 anos dourados de compromisso keynesiano houve realmente um crescimento mundial (industrialização da periferia, construção do *welfare state* europeu, industrialização e progresso técnico na União Soviética). De modo que há um componente no pensamento de esquerda socialista, marxista ou não, tanto faz, que é essencialmente progressista, dizendo que você tem etapas em que o capitalismo representa um passo histórico importante na direção de uma sociedade emancipada, igualitária, que da contradição dele vai nascer uma nova sociedade. De modo que, em sua consciência, nesses 30 anos, pelo menos até os anos 70 e início dos 80, havia sempre uma aposta nisso. No caso da periferia, do Brasil, você tinha o quê? Um país que estava se industrializando graças à intervenção do Estado e ao capital internacional, que estava se instalando aqui protegido por esse mesmo Estado. O país estava se industrializando graças às multinacionais, sendo monitoradas pelo Estado, com as grandes estatais nacionais. Você não tinha condições de perceber e nem poderia denunciar isso como uma ilusão, como de fato aconteceu nos anos 80. O Fernando Haddad fez recentemente a seguinte reflexão, que eu acho muito interessante. A direita que hoje está no poder mundialmente (na verdade nunca deixou de estar), ela diz que isso, no qual a esquerda acreditava desde o fim da guerra, estava tudo errado e que, portanto, a potência vencedora, os Estados Unidos, estava conduzindo uma política errada, contrária às leis econômicas do capitalismo, que é o livre mercado. Portanto, eles eram contra a idéia de desenvolvimento, diziam “não vai dar certo”, “não leva a lugar nenhum”, “vai provocar disfunções terríveis”, “vai provocar desemprego”, “inflação”, porque é “contra a natureza do capitalismo”. Para o *welfare state* usavam os mesmos argumentos, e para a União Soviética nem se fala, consideravam uma aberração. Quando isso desmorona – e desmorona primeiro aqui –, vamos para o brejo com a crise da dívida. Depois a União Soviética, menos de dez anos depois, naufraga. Fica tudo simétrico. E agora a restrição cada vez maior ao estado de bem-estar social europeu, que também está naufragando porque é pouco

competitivo. E a direita colhe o triunfo disso. A esquerda, que não tinha nada com isso, mas estava apoiando, colhe o ônus desse fracasso. Aparece como um fracasso da esquerda.

Mas o senhor mesmo diz que a esquerda fracassou, que comeu o pó, para usar uma expressão sua?

Comeu o pó mesmo e tem de saber por quê. Tem de começar a fazer o diagnóstico. Não é procurar onde estava errada, mas é saber o que aconteceu nesses 30 anos. O que alimentou a ilusão de que a União Soviética era um país socialista, de que o *welfare state* estava assentado sobre bases sólidas e de que a industrialização da periferia representava uma ascensão no sistema capitalista mundial, que é um sistema hierárquico. De certa maneira, a esquerda estava associada a isso e não percebeu o fôlego curto disso e confundiu isso com o avanço social.

Mas a direita tinha consciência disso?

A direita, por razões doutrinárias, dizia: esse keynesianismo é uma bobagem, é uma heresia, não existe crescimento induzido pelo Estado, não existe política social, isso é contra a natureza da acumulação capitalista, num certo momento isso vai derrapar, o crescimento vai parar, a inflação vai surgir e o Estado vai quebrar. Não deu outra nos anos 70. Não estou dizendo que eles estejam certos. Estavam doutrinariamente falando sozinhos durante 30 anos. E a esquerda dizendo: isso aqui é uma etapa necessária, nós vamos dar o salto e assim por diante. A esquerda deveria ter pensado duas vezes antes de embarcar nessa canoa furada. Em 68 houve uma espécie de revolução cultural contra as duas coisas: contra a hegemonia americana, o imperialismo, como se dizia na época, e contra a complacência de esquerda dentro dessa hegemonia americana. Eram os progressistas que estavam no poder, onde houve rebelião em todo o mundo. Na União Soviética isso começa a aparecer na Polônia, nos anos 70 e 80, portanto, contra a velha esquerda. Na Europa, o movimento é contra a social-democracia. Quando estoura a rebelião na França (a maior greve de massas, uma greve selvagem do pós-guerra), é contra quem? Contra o De Gaulle, contra o estado do bem-estar social francês. O De Gaulle que era antiamericano. Em relação à direita tradicional da França, o De Gaulle estava mais à esquerda. Mas isso não importava.

Em 68, como Kurz analisa, pensou-se em abrir um novo horizonte?

Isso. A esquerda parece que está no poder, mas isso não significa nada, porque muita gente está de fora. Pegando novamente o Brasil, a periferia, é a mesma coisa. Os militares estavam consolidando o capitalismo no Brasil. Havia no ar uma espécie de nova esquerda contra a velha esquerda (a esquerda desenvolvimentista no Brasil, a esquerda socializante na Europa e na União Soviética). As manifestações eram contra os gorilas latino-americanos, contra o imperialismo no Vietnã e contra o Brejnev.

Era mais fácil interpretar como uma revolução de costumes simplesmente?

Era mais fácil. Só que 68 era muito mais que isso. Pelo tipo de politização que ela gerou, você tinha uma contraposição a essa realização do programa, digamos, progressista, no sentido pejorativo do termo, da esquerda desde a Segunda Guerra Mundial, que achou que estava, de fato, caminhando no sentido da história. Esse edifício caiu em ruínas e nós temos de examinar o que aconteceu.

O que pode servir de bandeira para a esquerda brasileira, já que o ideal socialista ficou abalado?

Nós não sabemos o que vai ser esse ideal socialista daqui para frente. Nós entendemos por socialismo uma sociedade pós-capitalista ou não-capitalista. É colocar um pé fora da sociedade produtora de mercadorias. Isso depende de uma configuração social que nós não podemos prever. A década de 90 é a segunda década perdida e a próxima também vai ser assim. A configuração mundial é uma escada e de crise em crise vai baixando. Nós estamos onde estávamos no fim dos anos 70.

No que consiste a ilusão do desenvolvimento, de que trata Arrighi?

Raciocinando como o Arrighi, a ilusão do desenvolvimento consiste em dizer o seguinte: o capitalismo é um sistema histórico-mundial, que existe desde 1400, só que cada vez mais complexo. Então, para ele, falar em globalização é uma bobagem. Existe desregulação financeira, que acontece sempre quando termina um ciclo sistêmico de acumulação. A crise em que nós estamos agora não tem uma nação hegemônica, tem uma nação imperial, que são os Estados Unidos. Hegemônica é uma nação que consegue atender aos interesses de todos, atendendo aos seus próprios.

Os Estados Unidos não são mais. Seus interesses agora são exclusivos, tanto é que eles estão afundando o mundo.

Inclusive seus parceiros?

Está colocando o sudeste asiático de joelhos, quer pôr o Japão de joelhos. Nós aqui? Nem conta. Então o que diz o Arrighi? Ele diz que a atividade econômica no capitalismo tem dois momentos interligados. Um em que, pela inovação tecnológica (não só tecnologia no sentido mecânico, mas também de gerenciamento, de produtos, e assim por diante), gera lucros extraordinários. Depois vem o ciclo depressivo. É quando essa inovação técnica se expande como uma mancha de óleo. Acirra a concorrência e então vem a depressão. O Arrighi diz que isso se dá no espaço. Essa concentração do lucro extraordinário se dá no espaço porque tem uma intervenção do Estado e, portanto, uma espécie de sinergia positiva entre Estado e empresas. Esse é o núcleo dinâmico. Significa que tem uma atividade inovadora e uma atividade rotineira. Não se pode nunca, por definição, dizer qual é a inovadora e qual é a rotineira. Só a conjuntura determina isso. Ora, a divisão entre centro e periferia é fazer com que as atividades que eram do núcleo orgânico, num determinado momento (quando vem o ciclo depressivo), passem para a periferia como atividades rotineiras. No núcleo orgânico já tem outras atividades, inovadoras. São as grandes revoluções industriais, organizacionais. Só a inovação provoca o crescimento. Num determinado momento toda a esquerda progressista embarcou no mito da industrialização. A idéia do bem-estar da população, geração de tecnologia, diminuição das desigualdades. Ledo engano. No momento em que a periferia se industrializa, significa que as atividades de ponta já estão num outro patamar, que são as atividades de pesquisa e desenvolvimento, onde há inovação técnica, remunerada à altura. De modo que a periferia se industrializou, mas a industrialização já não era, como na grande revolução industrial, uma atividade do núcleo orgânico. Era uma atividade periférica. Então você pode, perfeitamente, industrializar a Índia e a Índia vai continuar na mesma desgraça. A demência é que a esquerda estava achando que o capitalismo é uma máquina de gerar empregos, através da industrialização. O capitalismo é uma máquina de gerar lucros, para acumular, para valorizar o capital.

Essencialmente é excludente e vai continuar excludente? Teremos sempre sociedades completamente excluídas?

Completamente. O que o Arrighi diz é que essa riqueza gerada pelos lucros extraordinários no núcleo orgânico é uma riqueza oligárquica. Ela não pode ser democratizada. Portanto, a corrida para alcançá-la é um mito de Sísifo, aquele grego que passou a vida enchendo um tonel que vazava. Isso é a ilusão do desenvolvimento, porque essa riqueza oligárquica não está ao alcance de todos. Pode estar ao alcance de um só, a cada um desses ciclos históricos. Foi assim com os Estados Unidos, no século passado, e o Japão neste século. E o Japão numa circunstância especial, porque ele foi praticamente convidado. A União Soviética não conseguiu. Porque a riqueza democrática é aquela em que a remuneração corresponde ao seu esforço e todos podem conseguir. A riqueza oligárquica implica exploração e exclusão. Na ilusão de que um dia você vai participar dessa riqueza oligárquica, o que você faz? Sacrifica uma geração, duas gerações ao longo do século e essa riqueza nunca chega (chega apenas para um pequeno núcleo).

O que nos resta, então, é torcer para sermos um convidado?

Torcer para ser um convidado já é uma ilusão.

Essa é uma visão um pouco pessimista, não?

Não é pessimista. É preciso reconhecer o que está acontecendo. Portanto, reconhecer que esse sistema histórico, que é o capitalismo, é mundialmente estratificado. Que essa estratificação pode ser observada ao longo dos dois últimos séculos. Que existem dois tipos de riqueza: a democrática e a oligárquica. Que a ilusão da esquerda ou das forças dominantes é a de que essa riqueza oligárquica pode ser democratizada. Não é: ela implica exclusão e exploração. Poucos podem chegar até ela. Significa que muitos podem ser remunerados abaixo do seu esforço e alguns são remunerados muito acima de seu esforço. O que tem de começar a entrar na cabeça das pessoas é que essa aspiração à riqueza oligárquica é o que legitima o sistema. A aspiração de subir na vida. É a aspiração da moeda forte no Brasil. Você está desempregado, está na pior, não tem serviço público, não tem moradia, mas tem um ar de estado: eu posso chegar a ter um salário em moeda estável. É isso que faz com que uma geração atrás da outra seja sacrificada em busca dessa miragem. O custo social disso é enorme.

Então, o negócio é não fazer nada?

O drama do Brasil é esse. Se você não fizer nada por 48 horas, baixa mais em direção à africanização. A semiperiferia é isso: sacrificar várias gerações, isso é, correr desesperadamente para ficar no mesmo lugar. Nós estamos fazendo isso desde a abolição.

Vai surgir um novo pensamento, gerado pela semiperiferia?

Vai surgir. Sobretudo porque a semiperiferia (ou a periferia) está se introduzindo no núcleo orgânico. O fosso está aumentando lá também. Lá tem atividades rotineiras. Quando se fala que os Estados Unidos são uma sociedade pós-industrial significa o seguinte: que eles estão relegando parte da população a essas atividades rotineiras, que podem ser feitas tanto no Arkansas quanto no Recife ou Taiwan, tanto faz. Dentro dos Estados Unidos eles estão, de certa maneira, sustentando a riqueza oligárquica formada em cima. Carreando para o Brasil, é apenas uma etapa no circuito de valorização patrimonial do capital internacional. A segunda ilusão é imaginar que as multinacionais vão desenvolver o País. Não. Aqui é um lugar de passagem.

Existe um esforço mundial de coordenação desse novo pensamento?

Um esforço de coordenação existe de maneira parcial. As pessoas se encontram aqui, na Europa, nos Estados Unidos. Mas é óbvio que nós não temos a pretensão de mostrar o caminho para todo o mundo, tanto é que temos estrangeiros na coleção, nem estamos falando sozinhos. No Brasil você pode dizer que muita gente vai ficar de fora, porque essa gente nunca entrou. Isso aqui é uma colônia, uma sociedade que está se desintegrando sem ter se integrado. Na Europa não. Dizer para um alemão o que o Fernando Henrique disse aqui: “– Olha, eu estou apenas pensando no pólo dinâmico da economia brasileira; eu não posso pensar nos excluídos, não vai dar lugar para todos”. Se você fala um negócio desses na Alemanha, você é deposto no dia seguinte ou linchado.

Dá para ter alguma esperança com essa tentativa de revalorização do emprego desenhada por Jospin?

Eu não tenho a menor ilusão. O Jospin é o máximo de ação possível que um social-democrata pode fazer na conjuntura atual, ou seja, quase nada. Ele está lançando coisas. Lá você tem um país diferente, organizado,

Paulo Eduardo Arantes

que tem uma tradição enorme de luta política. Mas quando se descobrir que ele vai ter de cumprir as exigências do acordo de Maastricht (reduzir déficit público, diminuir o Estado, reformar previdência) e que o cofre está vazio... E a alternativa vai ser o Le Pen. Então, fora imigrantes, fora sem-tetos, sem-empregos, pau neles. É um fascismo não-espacial. Ele simplesmente fica onde ele está e é por isso que ele vai ser mundial. Não é a expansão da Alemanha. É a riqueza oligárquica que vai expulsar o resto da sociedade mundial. É claro que depois você vai ter um *apartheid*, uma África do Sul planetarizada.

Podemos chegar a isso?

Estamos indo pra lá. Não é “pode chegar”, já estamos dentro disso. A questão é aprofundar isso. Imagina a unificação da Europa, a união monetária européia. Isso já vai ser um trauma social. Muita gente não vai entrar no barco, cidadãos de segunda categoria, terceira ou quarta, a começar pelos imigrantes. Também não entra mais ninguém.

Tudo isso é constatar o fracasso do pensamento humano? Ou seja, não fomos capazes de gerar alternativas?

Não é pensamento humano, é pensamento que se confundiu com o cálculo capitalista. Temos de gerar alternativa. Ela não vai ser tirada da cartola. A sociedade pode se mexer de algum jeito, mas pode se mexer em direção ao abismo; não tem nada garantido. Para ela não ir em direção ao abismo, você tem de inventar alternativas sociais, para dar um passo fora desse inferno. O paradoxo é o seguinte: se a sociedade em geral (aí é uma ambigüidade, está permeada de vários movimentos sociais) não se der conta de que se não fizer alguma coisa, vai sucumbir, que a vida é impossível sob o capitalismo, vai para o brejo mesmo. A moeda brasileira é uma ficção. Mas se não fosse a credulidade na fortaleza dessa moeda e no guardião dessa moeda, isso aqui ruía em 48 horas.

Quem vai protagonizar esse movimento?

As classes dominantes, com certeza, não. O comportamento delas é suicida e destrutivo. “Depois de mim, o dilúvio. Enquanto isso, a gente saqueia o planeta”. É mais ou menos isso. Só que aparece como racionalidade empresarial. Por aí não tem salvação. Elas não vão jamais se auto-reformar.

Temos de imaginar como a sociedade vai começar a se estruturar, se reproduzir fora do sistema de mercado. Só que isso não pode ser uma regressão, não pode ser o domínio do tráfico de drogas, por exemplo, que está fora da prática do mercado. Não pode ser o domínio da delinquência.

Não dá para vislumbrar quais serão os sujeitos?

Não haverá sujeitos. Podemos dizer o seguinte: até aqui não houve sujeitos na história, apenas tivemos grandes portadores fetichistas de alguma coisa chamada valor.

Ou uma nova ilusão?

É. Ou uma nova ilusão. Não sabemos. Digamos, então, que a ilusão nova é a descoberta de que esse sistema é absurdo. Até então, a esquerda e sobretudo uma parte do marxismo, era pensamento inerente a esse sistema, porque acreditava que ele fosse um sistema progressista, que traria de dentro dele uma espécie de salvação. Portanto, era uma questão apenas de aprofundá-lo, universalizar direitos, propriedades e assim por diante. Chegou-se ao limite histórico.

O senhor parece não acreditar em nenhuma alternativa a médio prazo. Volto, então, à primeira pergunta: por que se envolver num projeto como esse?

Não é não enxergar perspectiva. A primeira tarefa é fazer a crítica disso num novo patamar. Não é aquela história de que voltamos aos nossos princípios; não abandonamos nossos princípios. É simplesmente fazer o raciocínio histórico. O que se encerrou e o que está começando e o que significa o socialismo nisso que está começando? Primeira evidência é que nos desfizemos da ilusão progressista. A luta de classes e a democracia enquanto tal não vão derrubar o capitalismo. Elas chegaram a um limite cuja reprodução apenas reforça o capitalismo. Não estamos propondo totalitarismo, ditadura do proletariado único. Mas qualquer pessoa que sente diante da televisão durante uma campanha eleitoral, tem a impressão de que está sendo enganado.

A democracia é um teatro?

É um teatro. Você está sendo enganado pela direita e pela esquerda. Direita e esquerda estão prometendo coisas impossíveis. A esquerda não pode chegar na televisão, ano que vem, e dizer que vai dar empregos. Não

Paulo Eduardo Arantes

vai. Deveria dizer: o sistema mundial é tal que a idéia de emprego tornou-se obsoleta. A idéia de que se trabalha por dinheiro chegou ao fim. A riqueza está sendo acumulada cada vez mais, mas o mercado limita o acesso a essa riqueza. A solução soviética, anti-sistêmica, provou-se historicamente como algo que faz parte de um passado que se encerrou. Esses são os dois lados do problema. Essa saída está historicamente rifada (não o socialismo enquanto idéia; uma sociedade justa, emancipada, democrática, num outro sentido). O sistema histórico é incapaz de integrar nove décimos da humanidade em padrões mínimos de civilização. Não existe um messias, seja uma classe universal, seja o Estado, que venha a desbloquear essa situação. É isso que tem de ser contado na televisão.